

## EDITORIAL

Recebi com satisfação a proposta de reservar um volume da revista *Estudos do Quaternário* para uma homenagem ao Professor António Marcos Galopim de Carvalho. Aqui o temos.

O presente volume inicia-se com quatro textos de pessoas que trabalharam de perto com o Professor Galopim de Carvalho e que testemunham algumas das principais marcas deixadas no seu percurso de produção, ensino e divulgação de conhecimento científico. Julgo que quando se refere o nome do Professor Galopim o que surge mais presente nas mentes nacionais, em particular dos que menos têm a ver com as geociências ou que não tiveram oportunidade de privar com ele, serão os dinossáurios. Se para aqueles que fazem investigação sobre o Quaternário os dinossáurios não serão objecto crucial, parece-nos claro que o seu esforço ajudou a catalisar muito do rumo a que assistimos nos últimos anos no sentido da preservação e divulgação do património natural e cultural; naturalmente, incluindo aquele que se enquadra directamente nas problemáticas do Quaternário. Também se reconhece no Professor Galopim de Carvalho uma acção abnegada em defesa das Ciências da Terra que persiste até hoje. Ele tem sabido aproveitar as oportunidades que lhe surgem para dar a conhecer temas geológicos de interesse para a generalidade da sociedade, mostrando assim a importância desta área do conhecimento. Beneficiámos todos, independentemente da formação científica, da sua visão e forma de actuação.

Mas ainda antes de ser o reconhecido divulgador e defensor das geociências e do património natural e cultural, o Professor Galopim de Carvalho foi um docente que ajudou a formar gerações de profissionais das ciências naturais e um investigador de referência da geologia sedimentar em Portugal. Não estou entre aqueles que o tiveram

como professor ou colega. Na verdade, não tive ainda oportunidade de trocar com ele mais de um par de palavras de circunstância. Todavia, não me faltam os relatos de uns que passaram pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa ou de outros que, estando ligados a outras instituições, mantiveram contacto mais estreito com o Professor Galopim de Carvalho para ter a percepção de se tratar de um comunicador ímpar. Ficará na memória a sua capacidade de tocar, com palavra falada ou escrita, aqueles para quem as geociências não eram muito mais que matéria aborrecida.

Este volume da revista *Estudos do Quaternário* apresenta nove artigos científicos, todos eles originais. Muitos outros trabalhos poderiam ter sido incluídos, mas a data definida para a apresentação pública da homenagem, a decisão de manter alguma reserva na divulgação da iniciativa e o âmbito da revista dificultaram a inclusão de outros artigos. Os trabalhos que integram o volume de homenagem acabam por versar sobre a generalidade dos domínios científicos em que o Professor Galopim de Carvalho interveio durante a sua longa carreira académica e deixou o seu cunho pessoal. Em primeiro lugar, sobre diversas questões da estratigrafia/sedimentologia, em particular no que concerne à caracterização de sistemas sedimentares de diferentes idades fazendo uso de múltiplas abordagens metodológicas. Depois, mais focados em temas centrados na acção e interesses directos do ser humano e da sociedade de hoje.

PEDRO A. DINIS  
Director da Revista *Estudos do Quaternário*/  
*Quaternary Studies*

## GALOPIM DE CARVALHO

Qual é o arquétipo dum professor universitário? Antes de tudo é alguém que nos inspira, que desenvolve o nosso apetite pelo conhecimento, que pergunta mais do que responde; é alguém que atrai e coordena colaboradores de grande qualidade; é alguém com uma notável capacidade de trabalho e uma enorme disponibilidade para ouvir os seus alunos; é alguém que tem um grande prestígio científico, ganho através da qualidade da sua investigação, e que consegue obter um bom financiamento dos seus projectos (para alegria das autoridades académicas); é alguém que seja um grande comunicador de Ciência e um modelo de honestidade e de ética.

Não sei se o Professor Galopim de Carvalho tem todas as características que enunciei mas uma coisa eu posso dizer sem precisar de consultar os meus colegas geólogos: o Professor Galopim foi um dos melhores professores que tive no meu curso de engenharia química, que começou em 1969, na Politécnica, e terminou em 1975, no Técnico. Eu sei que não consigo ser imparcial porque sempre gostei muito de mineralogia e geologia, mas ainda hoje me pergunto como é possível que um professor que tem uma voz algo franzina e monocórdica consiga cativar a atenção dos seus alunos quando, ainda por cima o tema é mineralogia descritiva! E sem *data show* (ou talvez por isso).

A minha ligação com o Professor Galopim manteve-se ao longo dos anos, através da leitura de algumas das suas obras de divulgação, que evidenciam uma cultura multifacetada e, também, um fino sentido de humor. Reencontrei-o em 1993, quando regresssei à Faculdade de Ciências, agora como professor, e posso testemunhar o respeito e a estima que alunos e colegas sempre tiveram por ele. Utilizando as palavras de um geólogo de uma geração posterior ao Professor Galopim, “as centenas de títulos publicados no domínio da investigação, didáctica, divulgação científica e ficção, pesam de modo muito significativo na investigação e no ensino das geociências em Portugal, bem como na afirmação social que a Geologia e a defesa do Património Geológico adquiriram no nosso país ao longo das últimas três décadas”.

Num programa emitido pela RTP em 1970, chamado *Um dia com... Galopim de Carvalho*, o professor revelou o seu pensamento sobre o que deve ser o ensino da Geologia. Não resisto a transcrever algumas das suas reflexões, carregadas de poesia e de verdade.

“Há toda a vantagem, no domínio das ciências naturais, que uma boa parte das lições se processe no campo. Porque assim o entendo, procuro, sempre que possível, sair com os meus alunos. Estes passeios são invariavelmente informais, muito embora obedeçam a esquemas didácticos. E os

resultados obtidos são compensadores sob todos os aspectos, quer no que se refere à formação científica quer às relações humanas aluno-professor. A distância que porventura existisse entre uns e outros no ambiente frio da aula magistral dilui-se com a primeira saída, início de convívio franco, onde a aprendizagem e o ensino alternam com manifestações de camaradagem sem restrições. Onde, além disso, a comunhão com a natureza melhora os homens e o esforço físico da caminhada constitui exercício salutar. A alegria e o entendimento surgem, espontâneos. Caiem subtilmente as barreiras que possam separar o mestre dos alunos. Conquistam-se amizades que dão flores e frutos, a perdurar vida fora. Iluminam-se os espíritos e o estudo adquire uma nova dimensão, mais palpitante no desvendar nos segredos, da importância dos temas na consciência dos deveres.”

“A curiosidade e a ânsia de saber da juventude são terra fértil, onde as sementes germinam com força explosiva. Nem discursos cansativos nem frases emproadas. Apenas a linguagem de qualquer um, a noção de uma realidade que está ao alcance do braço que se estende, do gesto que se pratica para completar uma ideia. E ei-los, rapazes e raparigas esquecidos do tempo que se escoia, apaixonadamente a ler o livro da Natureza. Depois, uma pequena martelada é suficiente para trazer à mão um exemplar com que um aluno não iniciado aceita como um pequeno tesouro, que sempre julgou objecto de museu. Vencida esta dificuldade, tudo se transforma, mais brilhantes as cores, mais aliciantes as formas. Tudo é apaixonante e fácil e o professor sente-se recompensado: recebe o estímulo bastante para prosseguir.”

“A Geologia tem sido para mim, desde muito cedo, simultaneamente um *hobby* e uma profissão. Considero isso um facto feliz, na medida em que me tornei profissional daquilo que sempre fora aspiração e actividade apaixonante. Quantas pessoas não há que exercem profissões muito diferentes daquelas para que se sentiam fadadas. Quantas não realizam, dia após dia, tarefas que chegam a ser-lhes desagradáveis. Ao contrário, os que estão no meu caso, encontram no trabalho diário constantes motivos de prazer e descanso a trabalhar. Para mim ensinar não é fatigante – antes me encanta e estimula.”

É com grande prazer, admiração e amizade que me associo à homenagem promovida pelo Departamento de Geologia, por altura dos 85 anos do Professor Galopim de Carvalho.

JOSÉ ARTUR MARTINHO SIMÕES  
Director da Faculdade de Ciências  
Universidade de Lisboa

## **GALOPIM DE CARVALHO E O MUSEU QUE ENCONTREI**

O Professor Galopim é um comunicador natural, como todos sabemos. Tem o dom de deixar nos seus alunos uma marca profunda, pela paixão com que fala de Sedimentologia e muitos outros assuntos, pela facilidade com que põe qualquer pedra vulgar a contar histórias. Através de uma espécie de clonagem com laivos de magia, escrevi em tempos. Eu não fui excepção, ele quase me fez mudar da Mineralogia e Recursos Minerais para a Sedimentologia. Desde os tempos de estudante que sou tratado com amizade pelo Professor Galopim, o que evidentemente retribuo. Amizade e admiração.

Quem primeiro me abriu (literalmente) as portas dos expositores do Museu foi outro professor insigne, Carlos Torre de Assunção, por volta de 1968. Ao concluir a licenciatura em Geologia continuei ligado à Universidade, como assistente-estagiário, e fui convidado para a direcção do Museu, presidida por Carlos Matos Alves. É nesta fase que tem lugar o incêndio de 1978, que destruiu grande parte do edifício (a Escola Politécnica) e do património do Museu. A reconstrução, até hoje por completar, iniciou-se lentamente, praticamente reduzida a impedir que a chuva acabasse a destruição causada pelo fogo. Em meados da década de 1980, o Professor Galopim torna-se director do Museu. Quanto a mim, impelido pela vontade de me doutorar, e após perder no incêndio materiais, equipamentos, e escritos, fui para o Canadá em finais de 1979, onde me doutorei em 1983. Parti mineralogista, regresssei geólogo, mas sempre atento ao Museu.

De regresso a Portugal, tive oportunidade de, durante muitos anos, ser um acérrimo defensor, na Faculdade de Ciências, da actividade que o Professor Galopim desenvolveu no Museu, pelo que trouxe de reconhecimento da Geologia por parte de decisores, dos cidadãos em geral, e até da comunidade científica exterior às geociências. Não perdi muitas oportunidades de participar em actividades no museu (inaugurações de exposições, conferências, etc.) e o Museu convidou-me muitas vezes para intervir proferindo conferências e moderando sessões. Todas estas colaborações ajudaram a forjar uma profunda relação profissional e de amizade pessoal. O Professor Galopim, segundo ele próprio me confidenciou, começou a ver em mim um possível sucessor na direcção do Museu. Acabei por aceitar, mas projectando sempre a data de tal sucessão para um futuro tão longínquo quanto possível. Quando o dia chegou, as possibilidades de trabalho estavam num declínio de tal modo acentuado que o Professor Galopim me sintetizou assim a situação: “Fernando, deixo-lhe um presente envenenado”.

O Professor Galopim, na sua faceta de comunicador, elegeu temas específicos com potencial para suscitarem o interesse dos cidadãos em geral em temas de geociências. De entre estes, destaco três: dinossáurios, Mineralogia e meteoritos. Nenhum deles da sua especialidade enquanto cientista, o que mostra até que ponto o moveu conseguir interessar os cidadãos em geral em temas apelativos das Ciências da Terra. Noutro registo, deve mencionar-se o conceito de “exomuseu” e a classificação de geomonumentos.

Para os meteoritos ligou-se a José Fernando Monteiro, outro comunicador, precocemente falecido, e juntos publicaram vários artigos de divulgação, tendo o Professor Galopim proferido numerosas conferências acerca do tema. Recordo-me da queda do meteorito de Ourique, em 1998. Eu era à época Presidente do Departamento de Geologia da FCUL, e desloquei-me com o Professor Galopim a Ourique, onde fomos observar os sinais da queda (nunca se encontrou uma cratera digna desse nome) e tomar posse de alguns fragmentos do meteorito localizados por moradores; o maior, recolhido por Manuel de Brito, da aldeia de Palheiros, foi por este entregue ao Professor Galopim, para ir para o Museu (onde se encontra). Apesar de tudo isto, o tema meteoritos não atingiu o impacto dos dinossáurios ou da Mineralogia.

Com 80% das colecções geológicas do Museu perdidas no incêndio, urgia proceder à sua reposição, na medida do possível. Assessorado por Luís Teixeira Leite, coleccionador e reputadíssimo comerciante de minerais, fornecedor de alguns dos principais museus do mundo, o Professor Galopim iniciou uma campanha polifacetada para obtenção de exemplares mineralógicos, incluindo a aquisição de colecções, salientando-se as seguintes: colecção McGuiness, adquirida por subscrição pública, aproveitando as condições vantajosas oferecidas ao Museu; colecção de Cristais da Mina da Panasqueira, considerada uma das melhores do mundo, para esta localidade portuguesa, de onde são provenientes exemplares da máxima qualidade para várias espécies minerais; colecções Montenegro de Andrade e António Bello (Harvard) com interesse científico e topográfico, por incluírem muitos exemplares de localidades esgotadas, hoje insubstituíveis.

Mas a inovação mais original, até hoje uma importantíssima fonte de exemplares para o Museu, foi a introdução das feiras de Minerais, Gemas e Fósseis, em 1989, que atraem anualmente muitos milhares de visitantes. A Feira de Lisboa inspirou outras, nomeadamente no Porto e em Coimbra. É acompanhada de um programa científico-cultural, com conferências e actividades

várias, sujeitas a um tema. As Feiras contribuem poderosamente para desenvolver o interesse pela Mineralogia e Paleontologia. Correctamente praticado, o coleccionismo contribui para que não se percam exemplares com interesse cultural e científico. O Professor Galopim teve uma visão pioneira destes factos.

Ainda no domínio da Mineralogia, merece destaque o Museu do Quartzo, proposta original do Professor Galopim, ao dedicar um museu a uma única espécie mineralógica. O projecto museológico foi premiado pela Associação de Municípios. Localiza-se no Monte de Santa Luzia, junto a Viseu, e evoca uma antiga pedreira onde se extraiu quartzo. Trata-se de um museu muito interessante, ao qual estou pessoalmente ligado. O projecto do edifício, inspirado na forma cristalina do quartzo, é da autoria do arquitecto Mário Moutinho, que durante muitos anos integrou os quadros do MNHN, tendo assinado numerosos projectos com grande interesse. Urge dotar o Museu do Quartzo de um ou dois jovens técnicos com formação adequada, que conduzam actividades lúdico-científicas mais ou menos ligadas ao quartzo, para públicos de vários escalões etários e vários graus de proximidade à Mineralogia.

As actividades do Museu ligadas a dinossáurios são as que mais visibilidade alcançaram. O Professor Galopim é por muitos conhecido como “o avô dos dinossáurios”, um grande impulsor da “dinomania”. Esta actividades compreendem várias componentes: (1) várias exposições que colectivamente atraíram ao Museu mais de meio

milhão de visitantes, algumas estabelecendo máximos de afluência em Portugal; (2) definição e classificação (legal) de geomonumentos; (3) escavação de jazidas e preservação de fósseis; (4) desenvolvimento de estudos de icnofósseis (nomeadamente pegadas de dinossáurios). É sobejamente conhecida a pedreira do Galinha, com os seus impressionantes trilhos da passagem de grandes herbívoros, devidamente musealizada, ou num registo de sucesso apenas parcial, a campanha de preservação dos trilhos de pegadas de Carenque, cuja destruição esteve iminente, devido à construção da CREL, mas que foram poupados graças à campanha nacional lançada pelo Professor Galopim. Infelizmente até hoje o sítio continua por musealizar.

O Professor Galopim continua infatigável na sua porfia de reconhecimento público das Ciências da Terra. É um grande exemplo para todos nós. Mais ainda, todos os cultores das Ciências da Terra lhe devemos muito: cada artigo que publica no “facebook” contribui para abrir e alisar os caminhos que vamos percorrendo nos vários domínios da nossa profissão em que contribuimos para a qualidade de vida da sociedade em geral, desde o fornecimento de recursos naturais à preservação do ambiente, sem esquecer a busca das grandes respostas, como a origem da Vida, da Terra e do Universo, afinal uma das maiores diferenças da espécie humana. Bem haja, Professor Galopim.

FERNANDO J.A.S. BARRIGA  
Ex-director do Museu Nacional de História Natural  
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

## **AO PROFESSOR DOUTOR GALOPIM DE CARVALHO**

É com honra e prazer que quero associar-me à justíssima homenagem ao Prof. Doutor António Marcos Galopim de Carvalho.

O seu currículo científico e pedagógico é conhecido do grande público e dos seus colegas. Quero destacar a sua defesa intransigente da sua especialidade (Estratigrafia e Paleontologia) junto das maiores audiências de curiosos pela Ciência que jamais presenciei em Portugal.

Acompanhei a sua actividade como cientista e como pedagogo, muitas vezes em projectos complementares onde encontraram vocação e saída profissional numerosos jovens investigadores, hoje espalhados pelas universidades portuguesas. Fizemos trabalho de campo juntos aguentando os bons (boa bebida) e os maus (chuvadas) momentos inerentes a tal actividade, na companhia de alguns Professores mais velhos que recordamos ambos com saudade.

Finalmente e “the last but not the least” quero desejar as maiores felicidades ao Homem, amigo certo e seguro, e ao cidadão (nas lutas em que participámos ambos). Desejo também estender estes desejos à sua Família e Amigos.

Até sempre, Marcos.  
Um abraço apertado do

ANTÓNIO RIBEIRO  
Prof. Catedrático da FCUL

## UM CIDADÃO DE CORPO INTEIRO

O heterodoxo Agostinho da Silva proclamou: o homem não nasceu para trabalhar, nasceu para criar, ser um poeta à solta.

A produção científica e literária do Prof. Galopim de Carvalho interpreta a preceito aquele pensamento.

Faz explodir galáxias e das poeiras estelares primordiais e dos mistérios da criação aparecem novas galáxias, os minerais, as rochas, o Sistema Solar, a Terra, os vegetais, os animais, os seus queridos dinossáurios, toda a bicharada, os hominídeos, o ser humano. E conta de antiquíssimas eras geológicas, da Pré-História, do Homem e da sua História

Igualmente compõe obras literárias onde a poética da escrita nos encanta, quando colabora em trabalhos infantis que delicias os mais pequenos, ou trata de saberes e sabores da culinária do seu Alentejo, ou quando revisita de forma bem peculiar os monarcas portugueses, aproveitando para introduzir no texto utilíssimos conhecimentos de cultura geral.

A sua multifacetada abordagem coloca o humanismo no centro de tudo, mas recusando o antropocentrismo, pois bem sabe que o ‘acidente’ homem, por mais que obscurantistas fundamentalismos vários o apontem à eternidade, é no planeta Terra um “acidente da natureza”, que tanto mais breve se extinguirá quanto mais tempo persistir na senda do desrespeito pelas leis inarredáveis da ecologia. Trata-se de respeitar a mãe-natureza, em especial a sua criação mais complexa, o ser humano, estudando-a e tentando compreendê-la na sua origem e evolução, bem cientes de que a criatura jamais poderá compreender inteiramente o criador.

A imensidade da idade geológica, contrastando com a ínfima duração da vida do ser humana e da sua história, torna mais evidente, principalmente passados os oitenta, a ridícula pomposidade que o ser humano a si próprio atribui.

Para se compensar inventou na Antiguidade os deuses e na modernidade Deus, nas mais variadas versões que as diferentes religiões adoptaram primeiro e depois consagraram.

Nada de muito grave daqui resultaria se não sobreviessem os fundamentalismos que, em nome do conhecimento do que seria a vontade de Deus, se arrogam o direito de lutar guerras santas contra os que consideram infiéis, que não são mais que seres humanos semelhantes que apenas diferem no modo de encarar o mundo.

É aqui que a ciência desempenha o seu papel fundamental, desmentindo e combatendo os psicopatas fundamentalistas das diversas religiões e teorias políticas, de que os horríveis ditadores do século XX foram casos extremos, mas não esquecendo os fundamentalistas do cientismo, de que o

historicismo é filho natural, como própria religião. Aqui, a dúvida filosófica desempenha um papel insubstituível.

A que vem este discurso?

O Prof. Galopim de Carvalho é, por formação científica e opção ética por vezes expressamente e sempre implicitamente, empenhado adversário de obscurantistas mais ou menos fundamentalistas de diversas procedências e credos, convicto de que se o mal não for combatido muito provavelmente triunfará, pois tem atractivos que os instintos mais baixos da natureza humana muito valorizam. Para concluir que a razão está do seu lado basta olhar atentamente para o que vai pelo mundo e para Portugal em particular. Citando a poetisa: *temos olhos e vemos, não podemos ignorar*.

Neste país em que:

- governantes renegam o cumprimento do contrato social e as promessas aos eleitores;
- acusadores judiciais não investigam e acusam quando e o que é escandaloso;
- juizes não aplicam a justiça em tempo útil;
- supervisores não controlam coisa nenhuma, apresentando justificações inaceitáveis, como a inexistência de legislação adequada, mas não se demitindo honestamente por não disporem das condições mínimas para cumprir honestamente as suas funções, altamente remuneradas e socialmente muito valorizadas;
- políticos que deviam ser responsáveis induzem cidadãos crédulos a investir em instituições que eles têm obrigação de saber caminhar para uma falência fraudulenta;

seria insultuoso estabelecer comparações. E, no entanto, no prestígio social, quem estava, até muito recentemente, no topo da pirâmide?

Algo vai terrivelmente mal no mundo quando isto sucede de forma mais ou menos generalizada. Faz falta recuperar a teoria da cultura dominante da classe dominante e concomitantes alienações. Mas infelizmente tal não parece estar para breve, sendo provável que tenhamos de aguardar por uma crise financeira e social ainda mais dramática do que a despoletada pela falência do Lehman Brothers para que aquilo que os neoconservadores de acção chamam destruição criadora varra essa nova praga de racistas sociais, que defendem castas superiores segundo a tabela de classificação dos sacrossantos mercados, e a versão ocidental dos intocáveis do hinduísmo, o zé-ninguém descartável, sem direito a uma existência digna da sua condição de ser humano, postulada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Erode altas montanhas à razão de centímetros por século, chamando à liça o tempo histórico e o tempo geológico e, de uma penada aplanas as terras alentejanas e demole o criacionismo que faz apare-

cer o universo, de um momento para o outro, num passe de mágica, há seis mil anos e tal anos.

Galopim de Carvalho homem eborense com respeito pela ruralidade, burilado pela cultura que foi adquirindo ao longo de mais de oito décadas de vida, consciente da miséria generalizada que grassava entre os seus conterrâneos, da exploração, da repressão, da fome endêmica, exalta os sentimentos de solidariedade e, talvez por compensação, os sabores e os odores da comida regional alentejana, com recurso preferencial a produtos frescos locais.

Homem de afectos, crítico acerbo do egoísmo das classes dominantes, do exercício do poder sem princípios e dos fundamentalismos que no passado, suportados pelo obscurantismo deixaram nódoa indelével na História, e na contemporaneidade do mundo globalizado reincidem nos mesmos crimes, parecendo irromper incontroláveis um pouco por todo o lado, repetindo as calamidades inauditas do Tribunal do Santo Ofício, defende, contra a ignorância como método de domínio e a prevalência de poderes incompatíveis com o respeito pela dignidade humana, o exercício militante da solidariedade, a dúvida filosófica e científica e o acesso de todos ao ensino e à cultura.

Abomina a aristocracia, de raça, de sangue, do dinheiro, nova peste que ameaça a convivência humana, reservando para um reduzido número de senhores o éden dos paraísos fiscais e para a imensa maioria o inferno do peso esmagador do fisco.

Clama contra a opção de ser-se obrigado a emigrar para poder ter direito a um emprego decente, ou vegetar-se no seu país, embora tendo trabalhado afincadamente no seu período de vida escolar. Este investimento português sem retorno na formação dos jovens estudantes portugueses é um atentando à inteligência mais mediana.

Os achaques próprios da idade apoquentam-no e queixa-se, mas rapidamente se conforma e deixa de resmungar, pois respeita as leis da natureza, segundo as quais foi criado e por isso existe

como tudo o que é conhecido e o ainda muitíssimo mais que a ciência não descobriu e, provavelmente, nunca desvendará.

As limitações da surdez entristecem-no, pois dificultam-lhe a comunicação com o seu semelhante, que lhe é tão essencial. Mas reage e passa à escrita que sai fluente e atractiva para o leitor, revelando cultura mas resguardando-se da erudição

O seu equilíbrio emocional resulta de gostar do que faz, seja estudo, ensino, ou escrita, e ainda mais das pessoas a quem o resultado do seu trabalho se destina, seja académico, literário, ou simples convívio social.

A exemplo de António de Bulhões pregando aos peixes, ou Francisco de Assis amando os seus irmão bichos, o Prof. Galopim de Carvalho dialoga com as pedras, tenta apreender a sua essência mais profunda, sabendo de ciência certa que elas, como ele mesmo, tudo é argamassa das maternas poeiras estelares e, conseqüentemente, trata-se de uma verdadeira irmandade.

Alastrando do continente africano para o europeu, o ser humano enraizou-se nas pedras e no caso do Prof. Galopim de Carvalho, nas pedras alentejanas.

Fala de minerais, e rochas, e pedras, e a estas últimas junta coentros e algo mais confeccionando saborosas sopas e manjares do outro mundo. E sempre as pedras! Preciosas, comuns, pobres, descartáveis, como as pessoas no Alentejo de antigamente e no Portugal em crise de hoje

Sei que ficou particularmente sensibilizado por ter sido dado o seu nome a uma escola da sua querida Évora.

Muito mais e porventura melhor ele fez, que eu não sei. Do que conheço resultou esta enorme admiração que lhe dedico.

VIRGÍNIA CALDEIRA  
Âncora Editora